



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
CURSO DE BACHARELADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**MARCOS BESERRA DA SILVA**

**O PAPEL COMUNICACIONAL DA RÁDIO COMUNITÁRIA DE JUAZEIRINHO:  
HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE UMA CIDADE DO INTERIOR (2000-2015)**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2015**

MARCOS BESERRA DA SILVA

**O PAPEL COMUNICACIONAL DA RÁDIO COMUNITÁRIA DE JUAZEIRINHO:  
HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE UMA CIDADE DO INTERIOR (2000-2015)**

Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

Orientador: Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

CAMPINA GRANDE – PB  
2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586p Silva, Marcos Beserra da  
O papel comunicacional da Rádio comunitária de Juazeirinho  
[manuscrito] : histórias e memórias de uma cidade do interior /  
Marcos Beserra da Silva. - 2015.  
38 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Comunicação Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro  
de Ciências Sociais Aplicadas, 2015.  
"Orientação: Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque  
Gaudêncio, Departamento de Comunicação Social".

1. Rádio comunitária. 2. Juazeirinho. 3. História oral. 4.  
Memória. I. Título.

21. ed. CDD 302.234

MARCOS BESERRA DA SILVA

**O PAPEL COMUNICACIONAL DA RÁDIO COMUNITÁRIA DE JUAZEIRINHO:  
HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE UMA CIDADE DO INTERIOR (2000-2015)**

Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

Aprovada em 19/06/2015.

*Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio*

Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio/UEPB  
Orientador

*Maria do Socorro Thomaz Palitó Santos*

Prof. Me. Maria do Socorro Thomaz Palitó Santos /UEPB  
Examinadora

*Rozeane Albuquerque Lima*

Profª Me. Rozeane Albuquerque Lima / UEPB  
Examinadora

*“Nossa memória não se apoia na história aprendida, mas na história vivida”  
Maurice Halbwachs*

## AGRADECIMENTOS

A verdade é que necessitaria de várias páginas para agradecer a todos que me ajudaram na constituição deste trabalho; contudo se é para seguir um protocolo busquemos fazer um resumo nesse sentido.

Primeiramente (enquanto cristão) agradeço a Deus todo-poderoso, pela vida e por guiar meus caminhos sempre em uma trilha que me conduza ao bem (para comigo mesmo e, por extensão, ao próximo). Em segundo lugar a minha mãe Judith, meu irmão Roger e o meu pai Marcos (falecido, porém intensamente vivo em minha mente e em meu coração) por sempre me apoiarem em minhas decisões e por terem sido os maiores estimuladores para que minha pessoa enveredasse pelo caminho da educação e dos estudos. E em terceiro lugar ao professor Bruno Gaudêncio, por aceitar me orientar na constituição deste trabalho, e pela paciência, sempre demonstrada, no que diz respeito a minha pessoa e as minhas limitações.

Jamais poderia esquecer também de agradecer a cada indivíduo que compõe a turma de 2010.2, pessoas agradáveis e generosas, por me agraciarem com a possibilidade de conhecer suas características singulares, únicas, expandindo, com isso os horizontes do que é o ser humano em minha cabeça (e expandindo de forma positiva, sempre). Talvez, sendo injusto, coloco em destaque alguns nomes, dessa turma maravilhosa: Agradeço a Antonio Cláudio e Djair Alves, parceiros da grande maioria dos trabalhos em grupo que tive nesse curso, por me ensinarem a dar o melhor de mim no que eu tiver que fazer (mesmo quando as circunstâncias estiverem contra); a Fernanda Cabral, por ser sempre amiga e por me ajudar sempre que necessitei de tal ação no decorrer de todo o curso; a Antonio Carlos, por suas contribuições diretas na melhoria da estrutura deste trabalho e pela conduta (enquanto graduando) sempre inspiradora e a Josean de Melo, amigo querido, que me apresentou ao professor Bruno Gaudêncio.

Seria injusto esquecer-se de agradecer a todo o corpo docente do departamento de comunicação social, pelo o empenho dedicado em estimular o desenvolvimento dos conhecimentos maravilhosos que adquiri acerca dessa área do conhecimento no decorrer de todo o curso (que levarei comigo para sempre).

A prefeitura municipal de Juazeirinho, por fornecer o ônibus que me permitiu chegar à sala de aula, na grande maioria dos dias, e sem o qual não seria possível para mim frequentar o ensino superior; assim como a todos os transportes

(ambulâncias, caminhões, etc.) que me auxiliaram (com caronas) a continuar esse processo, nos dias que não houve ônibus para tal.

A boa vontade de Toca, Zominho e Jonh, por fornecerem, com suas memórias, experiências e sentimentos, um material imprescindível para a constituição deste artigo (demonstrando toda a maior boa vontade possível).

Agradecer, também, a todos(as) os acadêmicos que se dispuseram a fazer parte da banca que julgou este trabalho, doando o seu precioso tempo e conhecimento para tornar este momento especial ainda mais proveitoso para este graduando.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para a constituição deste trabalho e que minha memória injusta impediu de estar lembrado aqui, neste espaço. Obrigado a todos.

# **O PAPEL COMUNICACIONAL DA RÁDIO COMUNITÁRIA DE JUAZEIRINHO: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE UMA CIDADE DO INTERIOR (2000-2015)**

SILVA, Marcos Beserra<sup>1</sup>

## **RESUMO**

Este trabalho pretende fazer um estudo pioneiro sobre a natureza ideológica, histórica, social e prática que permeia em torno da rádio comunitária Juazeiro FM. Tal estudo se valerá da premissa de que cada rádio comunitária tem características únicas, da mesma forma que a comunidade que a cerca. Para isso a de se recorrer à história oral para a montagem desses dados, que a partir de entrevistas com um pequeno grupo, diretamente envolvido com a rádio, e das comparações, que serão efetuadas de seus discursos sobre o fenômeno que os une, acabará por revelar uma memória coletiva sobre a mesma, que servirá de suporte para construção de uma ideia sobre como funciona a rádio comunitária Juazeiro FM.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rádio Comunitária. Juazeirinho. História Oral. Memória.

## **ABSTRACT**

This work intends to make a pioneering study about ideological nature, historical, social and practice that permeates around the Juazeiro FM community radio. This study will make use of the assumption that each community radio has unique characteristics, just as the community that surrounds it. For assembling such data, it is necessary to resorting to oral history, interviewing a small group directly involved with the radio and doing comparisons with their speeches, about the phenomenon that unites them. These data eventually will reveal a collective memory about the radio, which will serve as support for the construction of an idea about how the Juazeiro FM community radio works.

**KEYWORDS:** Community Radio. Juazeirinho. Oral history. Memory.

---

<sup>1</sup>Discente do Curso de Graduação em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: marcosjornalismouepb@gmail.com



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>CAPITULO 1: UM PASSEIO PELA HISTÓRIA DO RÁDIO E DA RÁDIO COMUNITÁRIA NO BRASIL .....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO 2: DO ESPAÇO A HISTÓRIA VIVIDA: EM BUSCA DE MEMÓRIAS ...</b>	<b>20</b>
2.1 Juazeirinho, uma apresentação .....	20
2.2 Da “Voz de Juazeirinho” a “Juazeiro FM” .....	22
<b>CAPÍTULO 3: RÁDIOS, VALORES E POLÍTICA.....</b>	<b>27</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>35</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>38</b>

## INTRODUÇÃO

A rádio comunitária Juazeiro FM (que funciona na frequência 87,9 MHz) é hoje um dos componentes que, em conjunto com os inúmeros veículos de comunicação alternativos espalhados por todo o país de mesma natureza, se propõe propagar uma comunicação dentro de uma determinada comunidade, no qual o protagonismo central na constituição de fatos informativos é a própria comunidade. Logo, pode-se afirmar que uma constituição jornalística comunitária (e por extensão comunicacional) “pode ser uma possibilidade na qual a população [local] encontra para ter espaço e ver discutidos assuntos de seu interesse e que nos grandes veículos de comunicação não são abordados.” (Peruzzo apud Viviane Belizario de Freitas, p.18, 2006).

Embora isso demonstre a existência de um fenômeno particular digno de ser generalizada no termo comunicação comunitária é evidente que tais veículos de comunicação só poderão ser entendidos se cada vez mais forem estudadas de forma isoladas (em particular), pois entendo que cada uma, ao debruçar – se sobre os interesses particulares de uma comunidade específica, também haverá de adquirir especificidades que não compartilhará com nenhuma outra rádio comunitária do gênero.

Basicamente a temática desse trabalho surgiu do interesse que desde pequeno sempre tive pela comunicação radiofônica, assim como pelo interesse (igualmente proporcional) a cultura e a história da cidade de Juazeirinho – PB, e a rádio comunitária Juazeiro FM se torna um objeto ainda mais peculiar de estudo na medida em que ela foi a primeira rádio comunitária da região e até hoje nunca foi feito qualquer estudo (de caráter científico) sobre a mesma.

Tal caráter inédito de produção a um fenômeno comunicacional tão singular (no que diz respeito ao objeto, aqui em análise), assim como a escassa produção historiográfica e sociológica sobre a cidade de Juazeirinho (ainda hoje uma realidade presente em uma cidade que, só de emancipação, já possui mais de cinquenta anos), e também a necessidade de uma atualização histórica sobre a mesma são por si só justificativas o suficiente para validar a pesquisa efetuada neste trabalho.

Diante disso este trabalho pretende como meta central efetuar uma pesquisa de caráter investigativo, acerca de qual é o papel comunicacional particularmente exercida pela rádio comunitária da cidade de Juazeirinho, dando luz as prováveis

vinculações políticas que, particularmente, existiram em seu processo de criação e manutenção, uma realidade bem possível, em se tratando de rádio comunitária no Brasil, segundo autores como Paiva & Sodré (2002).

Para completar tal meta também pretendemos tecer alguma análise de até onde a rádio mudou a sociedade Juazeirinhense, fazendo um paralelo comparativo do fenômeno comunicacional da cidade “antes rádio comunitária e após rádio comunitária”, com isso dando conta de montar um arcabouço de argumentação, o suficiente para levantar uma hipótese pioneira acerca do papel comunicacional da rádio Juazeiro FM.

Essa objetivação para a pesquisa esbarra em algumas dificuldades iniciais (desafios, do meu ponto de vista) curiosos, a exemplo da falta de qualquer outro tipo de trabalho acadêmico sobre essa rádio (em especial) ou sobre a temática aqui proposta; além da produção historiográfica sobre a cidade ser, por deveras, antiga, necessitando de novos trabalhos que tragam novas informações e olhares sobre a mesma.

Tais desafios demandam como “solução” para esse dilema um apoio teórico – metodológico que ajude a suprir (mesmo que de forma parcial) tais carências, e, nesse quesito, me apropriarei da perspectiva da história da comunicação, em especial de uma de suas inúmeras segmentações que é a história oral, para coletar as informações necessárias que haverá por constituir o registro histórico (pré – necessário) para o prosseguimento dessa pesquisa.

Para dar conta de uma definição do que seria a história oral, em termos práticos, recorreremos à obra<sup>2</sup> de José Carlos Sebe B. Meihy e Fabíola Holanda que, em linhas gerais, definiu história oral como

Um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. (MEIHY; HOLANDA, 2011, p. 15)

---

<sup>2</sup> História oral: como fazer, como pensar. - 2. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2011.

A partir dessa descrição de como é a história oral na prática, podemos definir dois status que haverá por definir ela, daqui em diante, neste trabalho: primeiro ela será vista enquanto *fonte oral* que constituirá os dados, já que a gravação das entrevistas para esta pesquisa visou, prioritariamente, criar registros de áudio que, na medida em que se tornou um suporte material (na forma de textos), haverá por gerar a “documentação oral” (MEIHY; HOLANDA, p.14) que a legitimará enquanto tal.

E o segundo status que estamos a agregar a história oral para este trabalho é o de utilizá-la enquanto *metodologia*, na medida em que “método é um recurso que indica um procedimento organizado e rígido de investigação, capaz e garantir a obtenção de resultados válidos para propostas desenhadas desde a formulação de um projeto.” (MEIHY; HOLANDA, p. 71); e como se pode observar na definição de história oral dada por Meihy e Holanda (2011) é cabível a associação de história oral enquanto metodologia.

Com tais definições queremos dizer que nos propusemos a dar as entrevistas efetuadas o caráter, privilegiado, de protagonismo central, no que diz respeito à essência da qual foram extraídas as análises centrais deste trabalho (respeitando o rígido critério pedido, na definição aqui trabalhada, de história oral, diante da seleção de entrevistados e do processo de transcrição que resultou na documentação oral utilizada como análise central deste artigo).

Quando nos indicamos a analisar o papel comunicacional de uma rádio comunitária dentro do meio que o cerca, a partir da história oral, naturalmente isso significa dizer que estaríamos a colher informações sobre o tema dentro da própria comunidade na qual o objeto de estudo está inserido, mas, sobretudo, estaríamos a constituir impressões acerca das ações da rádio naquela comunidade. Então ao se analisar essas mesmas impressões a partir de entrevistas dadas a um determinado grupo (no que diz respeito à temática) e comparar os seus depoimentos (feitos separadamente) naturalmente serão observados divergências, elementos de discordância, porém algo de concordante haverá por ser identificada entre algum dos depoimentos (ou mesmo entre todos) mostrando uma identidade comum, já que

O que se chama de “grupal”, “cultural”, “social” ou “coletivo” em história oral é o resultado de experiências que vinculam umas pessoas as outras, segundo pressupostos articuladores de construção de identidades decorrentes de suas memórias

expressadas em termos comunitários. (MEIHY; HOLANDA, 2011, p. 27)

É justamente a busca por essas identidades compartilhadas em um grupo sobre a rádio comunitária Juazeiro FM (aqui denominada como memória coletiva) o objetivo final deste trabalho, porém se faz necessário que, antes disso, conceituemos melhor a ideia de memória coletiva e os fenômenos que a compõem e, para isso, os estudos aprofundados do sociólogo francês Maurice Halbwachs<sup>3</sup> (2003) sobre a temática e as análises interpretativas de Schmidt e Mahfoud (1993) sobre o primeiro serão essenciais para tal entendimento.

Para Halbwachs, o princípio da compreensão desse fenômeno começa com a aceitação da ideia de que o indivíduo particular nunca está sozinho, ele sempre está (ou foi) inserido em um grupo ou grupos de referência, podendo isso ser presencial ou não. Segundo Schmidt e Mahfoud:

O grupo de referência é um grupo do qual o indivíduo já fez parte e com o qual estabeleceu uma comunidade de pensamentos, identificou-se e confundiu seu passado. O grupo está presente para o indivíduo não necessariamente, ou mesmo fundamentalmente, pela sua presença física, mas pela possibilidade que o indivíduo tem de retomar os modos de pensamento e a experiência comum próprios do grupo. (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p.288)

A partir desse(s) grupo(s) muitos fenômenos foram derivados por Halbwachs, mas o que realmente interessa para este trabalho é um desses em particular, a lembrança, que, em linhas gerais “é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada” (HALBWACHS, 2003, p. 91), ou seja, podemos enxergar na lembrança uma perspectiva “realística” porém “imagética” sobre o passado. Essas características da lembrança agregariam para si a constituição de uma personalidade única que a impediria de misturar – se as demais lembranças (em um indivíduo); porém o fato de elas serem criadas dentro do contexto de um grupo (seja do presente ou do passado) que, por extensão, ocupará sempre um local físico, acabará por dar um “quadro de referência espaço-temporal” (SCHMIDT; MAHFOUD,

---

<sup>3</sup>As ideias divulgadas aqui de Maurice Halbwachs (1877-1945) advêm de sua obra publicada postumamente a sua morte, *la Mémoire collective*, na qual ele cria o conceito de memória coletiva.

1993, p. 289) para as lembranças advindas de momentos gerados num determinado lugar.

É a esta ação de conjunção de lembranças, geradas em uma ambientação (tão física, como o parque no qual andávamos com a namorada e tão imaginária, como a ambientação descrita no nosso romance literário favorito) que será dada por Halbwachs a nomenclatura de *memória*, ou, como Schmidt e Mahfoud (1993) interpretam, “a memória é este trabalho de reconhecimento e reconstrução que atualiza os “quadros sociais” nos quais as lembranças podem permanecer e, então, articular-se entre si” (p.289).

Embora a memória se constitua dentro de um grupo, ou na inter-relação de grupos (como vimos durante toda a argumentação construída até aqui) isso se daria sempre a partir do indivíduo, pois “para Halbwachs o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência; a memória é sempre construída em grupo, mas é também, sempre, um trabalho do sujeito.” (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 288). Tal concepção ideológica permitiu que Halbwachs sentisse a necessidade de subdividir a memória (presentes em um indivíduo) em dois tipos: A memória individual e a memória coletiva.

Não existe uma memória individual literal para Halbwachs (na medida em que os elementos que não de compor uma memória sempre terão sua origem a partir de um grupo), mas existe nossa interpretação “particular” de uma imagem, de uma lembrança (ou um conjunto das mesmas), que colhemos em um tipo de grupo. A esse ponto de convergência de diferentes influências sociais podemos denominar como memória individual, ou, nas palavras do próprio Halbwachs (2003):

De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. (p. 69)

Se então a memória individual é um ponto de vista “particular” sobre a memória coletiva, a concepção da segunda naturalmente deixará clara a concepção dos dois termos. E a ideia considerada aqui (como uma resolução para esta questão) é a de ver a memória coletiva como um conjunto de lembranças compartilhadas por uma coletividade, que permanecem ligadas por essas mesmas lembranças, conforme relata Schmidt e Mahfoud (1993):

Analogamente, a memória coletiva, propriamente dita, é o trabalho que um determinado grupo social realiza, articulando e localizando as lembranças em quadros sociais comuns. O resultado deste trabalho é uma espécie de acervo de lembranças compartilhadas que são o conteúdo da memória coletiva. (p. 291)

A rádio comunitária Juazeiro FM foi e é composta por um grupo que a faz acontecer enquanto tal, contudo cada indivíduo que a compõe tem sua própria interpretação do que é uma rádio comunitária, e por extensão, sua própria forma de concebê-la enquanto tal (memória individual), porém dentro dos preceitos pensados pela administração da própria rádio (que fornecerá o material necessário para que os componentes da rádio entrevistados para a composição dessa entrevista se identifiquem, enquanto coletividade), e é essa a memória coletiva que visamos localizar com as entrevistas e que hão por nortear este trabalho a partir de agora.

Esta pesquisa foi constituída na forma de um trabalho, que está organizado em três capítulos complementares: no primeiro capítulo realizamos um histórico da rádio e da rádio comunitária no Brasil; no capítulo seguido tivemos a pretensão de situar historicamente à cidade de Juazeirinho e a rádio comunitária Juazeiro FM; no terceiro e último capítulo descrevemos o contexto político - sócio – cultural da rádio e a sua função, enquanto canal principal por onde flui a comunicação de informações da cidade, através dos depoimentos de três personagens ligados a história da rádio comunitária, averiguando até onde tal veículo de comunicação se propõe enquanto comunitária na prática.

Com isto esperamos ter contribuído para um aprofundamento maior (e atualização) do acervo de registros de pesquisa sobre a cidade de Juazeirinho, hoje em dia ainda tão escassos e por extensão ajudar a entender um pouco mais a característica desse objeto de estudo e de transmissão da comunicação, tão geral e, ao mesmo tempo, tão segmentado, que é o contexto das rádios comunitárias no país, e levantar questionamentos novos sobre a mesma, gerando, com isso, futuras temáticas que enriqueçam essa discussão.

## CAPÍTULO I:

### UM PASSEIO PELA HISTÓRIA DO RÁDIO E DA RÁDIO COMUNITÁRIA NO BRASIL E NA PARAÍBA

O dinamismo tão peculiar, tipicamente presente nas características do ato de comunicar dessa segmentação da radiodifusão, que é o movimento das rádios comunitárias, presentes em cada canto do Brasil hoje começa a se justificar, a uma primeira vista, a partir da concepção de que a comunicação é um objeto peculiar de trabalho, não só em sua definição (ainda hoje uma temática possível de discussão) como também em seu formato. A respeito do entendimento do que seria a comunicação afirma Bordenave (1986, p.31): “A comunicação não é um ato isolado, ou uma série de atos individuais desconexos, mas um fluxo contínuo, de muitas origens e direções, com conteúdos e formas em constante mutação”.

Pensando nessa perspectiva é impossível pensarmos num entendimento de quais são as características da comunicação efetuada pela radiodifusão comunitária sem se debruçar (mesmo que de forma breve) sobre a história do veículo de comunicação rádio, no Brasil e na Paraíba (entendendo – se que é impossível, em meio à complexidade que permeia em torno da comunicação apontada por Bordenave, enxergar a origem e a direção tomada pela radiodifusão comunitária que interessa a este trabalho). A esse respeito autores como Teresa Cristina Furtado Matos (2011), Gilson Souto Maior (2015) e Moacir Barbosa de Sousa (S/D) nos proporcionaram contribuições esclarecedoras, sobre o fenômeno em questão.

Souto Maior (2015, p.25) nos ressalta as comemorações do Centenário de Independência (07 de setembro de 1922) como evento que proporcionou a primeira transmissão radiofônica no Brasil; tal episódio teria ocorrido no Rio de Janeiro e visou (segundo o autor) transmitir o discurso do (então) Presidente do país, Epitácio Pessoa a partir de um transmissor de 500 watts.

Fazendo um salto temporal e indo para a Paraíba, a primeira estação de rádio do estado teria surgido entre 1930 e 1931, com a nomenclatura de Rádio Clube da Paraíba (SOUSA, S/D, p.2), e o “escolhido para dirigir à emissora (pelos sócios, já que a rádio não podia ainda ter acesso a promoção de publicidade na época) Francisco de Sales Cavalcante procurou dinamizar a programação, tornando – a



cultural” (SOUSA, S\D, p.3). Porém segundo o autor, “Vargas<sup>4</sup> ao estatizar as emissoras do Rio de Janeiro como a Nacional e a Rádio do Trabalhador, o interventor Argemiro de Figueiredo<sup>5</sup> recebeu de mão beijada a Rádio Clube da Paraíba” (SOUSA, S\D, p.5-6). Para Sousa (S\D, p.6) “Figueiredo traça planos visando tornar a Rádio Clube *“instrumento de ação governamental voltado para a instrução pública”*”.

Os breves recortes históricos efetuados logo acima dão luz a momentos importantes, no que diz respeito às origens da radiofonia brasileira e paraibana, mas também evidencia um forte manuseio dos meios radiofônicos, visando o enaltecimento de uma imagem e de um discurso advindo de “cima para baixo” (do governo até as camadas populares) desde o seu início, no Brasil.

Porém ainda dentro do contexto da Era Vargas já é observável a tentativa de vozes e discursos divergentes da que estava a ser efetuada, até então, pela radiodifusão. Segundo Matos (2011, p. 64), na década de 40 surgirá outros objetivos para o rádio:

Novos atores sociais também aparecem e reivindicam o direito às ondas do ar. Entra em cena a ideia de unir mobilização e articulação social com comunicação. Ao ser proposta essa articulação, as posições receptor-emissor são colocadas em questão. (MATOS, p.64)

Só que, segundo alguns autores<sup>6</sup>, a busca pela construção de novos discursos a serem veiculados pelos meios radiofônicos que realmente permitam enxergar constituições sócio-culturais que haverá por fornecer as origens de concepções como comunicação comunitária ou rádio comunitária só irá evidenciar – se na segunda metade dos anos de 1970, onde algumas mudanças, advindas da globalização, agirão em favor dessa dinâmica:

A reversão da tendência de crescente padronização dos produtos, inclusive os culturais; a valorização das identidades locais, que terá implicações para o argumento em favor da comunicação comunitária, e o barateamento de tecnologias que passam a ser acessíveis a grupos antes dela aliados. (MATOS, S/A, p.29)

---

<sup>4</sup>Getúlio Dornelles Vargas foi Presidente do Brasil em dois períodos: De 1930 até 1945 e de 1951 até 1954, quando se suicidou.

<sup>5</sup>Argemiro de Figueiredo governou a Paraíba de 1935 até 1940.

<sup>6</sup>Teresa Cristina Furtado Matos (2011), Cicilia Maria Krohling Peruzzo (2006), Mauro Sá Rego Costa (S\D).

É diante deste panorama histórico-social que surge uma nova concepção de se fazer rádio, uma dinâmica que acabou por complexificar, ainda mais, uma definição para o fenômeno da radiodifusão: são as chamadas *rádios livres*, pequenas emissoras de baixa potência, na qual efetuavam o seu funcionamento sem nenhum tipo de autorização advinda de algum tipo de órgão governamental. Estudiosos como Matos (2011) e Costa (S\D) definirão tal novidade como um movimento social, que inclusive teria tido inspiração em dinâmicas semelhantes ocorridas na Europa. Sobre tal comparação comenta Costa:

O movimento no Brasil inspirou – se nos movimentos na Itália (anos 70) e na França (anos 80), como projeto de ampliar a comunicação democrática e sair do controle, principalmente comercial, com que esta mídia estava organizada no país. (COSTA, S\A, p.3)

Naturalmente tal forma alternativa de comunicação sofreu dura perseguição, nas duas décadas seguintes (devido à natureza de sua proposta), por parte de componentes e órgãos governamentais, a exemplo da polícia federal e da ABERT (Associação Brasileira das Emissoras de Rádio e Televisão), tendo equipamentos apreendidos e emissoras fechadas em todo o país.

É na década de 1990 que vemos cada vez mais a popularização do termo “rádio comunitária” em detrimento de “rádio livre”, e a principal atribuição dada para isso seria o direcionamento de um objetivo claro e concreto da organização que estava em torno do termo comunitária: A busca pela regulamentação da radiodifusão de baixa potência. Como afirma Matos:

Cada vez mais, a partir desse período as rádios populares e as rádios livres passam a ser denominadas rádios comunitárias. As diferenças entre ambas são incluídas e, de certa forma dirimidas nessa nova denominação. A nova nomeação se liga ao processo de organização das emissoras de baixa potência, que tem como objetivo o reconhecimento legal. (MATOS, 2011, p.74)

No que diz respeito a rádios comunitárias na Paraíba trazemos o exemplo da rádio Ariús, fundada por Massilon Gonzaga, que, ao ir ao ar na data de 11 de outubro de 2001, acabou sendo a primeira rádio comunitária de Campina Grande (PB), e a quarta no estado da Paraíba, porém, segundo Santos (2012, p. 5) ela poderia ter alcançado uma melhor colocação pois

A necessidade de um laboratório no curso de Comunicação Social na UEPB levou à Massilon Gonzaga ter a ideia de montar uma rádio Universitária, pois nos anos 80 era uma grande febre, depois de inúmeras tentativas e com interferência de alguns políticos a rádio não foi ao "ar" porque na época políticos que tinham certa influência não aceitavam a implantação de uma rádio universitária devido a futuros conflitos e revoltas entre estudantes e políticos. (SANTOS, 2012, p. 5)

Porém apesar de tal evidencia acima ser colocada como um importante fator de ação para a radiodifusão comunitária, Matos (2011, p.31) também realça o valor (nos anos de 1990) as comunidades e ao sentido de suas relações em prol de críticas a sociedade globalizada, por não proporcionar respostas aos problemas de caráter local; como um fator preponderante para a consolidação da junção dos termos "rádio" com "comunitária". Diante da aceitação de tal afirmativa para a constituição deste trabalho, vemos por necessário conceituar dois termos considerados importantes para o prosseguimento desta pesquisa e, nesse sentido, Peruzzo há de nos auxiliar no processo.

O primeiro termo é *comunidade* e de acordo com Peruzzo (2003, p.6) a concepção de comunidade não deve ser associada a espaços geográficos (bairro, cidade, etc.) ou a segmentações étnicas, de gênero ou qualquer forma de aglomerados humanos. Para ela:

São características de comunidade que tem perdurado no tempo, embora assumam novas feições, linguagens e interpretações: sentimento de pertença; participação; interação; objetivos comuns; interesses coletivos acima dos individuais; identidades; cooperação; confiança; cultura comum, etc. (PERUZZO, p.6)

Diante de tais características o segundo termo *comunicação comunitária* só poderia ser descrita como uma extensão da própria comunidade, sendo a denominação própria de sua voz central, pela qual a comunidade haverá por expressar suas características e pensamentos:

O canal de expressão de uma comunidade (independente do seu nível sócio econômico e território), por meio do qual os próprios indivíduos possam manifestar seus interesses comuns e suas necessidades mais urgentes. De ser um instrumento de prestação de serviços e formação do cidadão, sempre com a preocupação de estar em sintonia com os temas da realidade

local. (DELIBERADOR; VIEIRA, 2005, apud PERUZZO, 2006, p. 9)

Então é a partir dessas definições conceituais que nortearmos o nosso olhar em torno da rádio Comunitária Juazeiro FM e que usaremos enquanto parâmetro para analisar os pontos almejados por este trabalho sobre a mesma.

Contudo, antes de nos adentrar nas questões centrais buscadas aqui, se faz necessário que lancemos luz ao contexto histórico-social (mesmo que de forma sucinta) da cidade de Juazeirinho – PB e por extensão a de sua rádio comunitária também, entendendo que tais informações haverá por nos ajudar a constituir um discurso argumentativo com maior propriedade e autoridade sobre o fenômeno aqui estudado, além de enriquecer a utilidade deste trabalho (lembramos que a Juazeiro FM foi a primeira rádio daquela região, logo, levantamos a suposição de que ela tenha sido referência para as rádios coirmãs das cidades circunvizinhas). Tais ênfases é o que veremos no capítulo que se segue.

## CAPÍTULO II:

### DO ESPAÇO A HISTÓRIA VIVIDA: EM BUSCA DE MEMÓRIAS

#### 2.1. Juazeirinho, uma apresentação

O município de Juazeirinho-PB, segundo Silva (2012)

(...) situa-se na mesorregião da Borborema e microrregião do Seridó Oriental Paraibano. Limita-se a nordeste com Seridó, a leste com Soledade, ao sul com Gurjão, a sudoeste com Santo André, a oeste com Assunção e a noroeste com Tenório. (SILVA, 2012, p.24)

As origens históricas da cidade remontam ao século XVIII, pois a região fazia parte das sesmarias dos Oliveira Ledo

Ana de Oliveira, irmã de Teodósio de Oliveira Ledo fixou sua residência na fazenda “Joazeiro”, conforme informações do Sr. Wilson Seixas que extraiu do Livro de Notas, Nº 8, do Cartório do 1º Ofício da Comarca de Pombal, procuração que lhe facultava o direito de herdeira. (SEBRAE, 1996, p. 10)

Tal documentação demonstra que Ana de Oliveira já tinha terras na região no ano de 1753, e essa fazenda em conjunto com outra (de Carlos Francisco da Cunha) “serviram de marcos iniciais para o povoamento do lugar” (SEBRAE, 1996, p. 10). Aos poucos outras fazendas vão sendo montadas em pontos isolados por colonos que chegam de diversos lugares e uma causa para isso era “a sua boa localização as margens da estrada<sup>7</sup>” (MOBRAL, 1985, p. 33), o que também acabou por propiciar um pouso para tropeiros e almocreves<sup>8</sup> (aproveitando suas andanças entre o Sertão e Campina Grande), é aqui que começam as primeiras transações comerciais neste ambiente (SEBRAE, 1996, p. 10).

---

<sup>7</sup> Atual Rodovia BR 230.

<sup>8</sup> Tropeiros ou matutos eram homens que viajavam com tropas de burros, para transportar os produtos locais de um lugar para o outro, seguindo rotas pré-estabelecidas. Almocreves ou mascates eram comerciantes ambulantes que vendiam seus produtos de casa em casa. (RIETVELD, 2009, p. 181-182).

O SEBRAE (1996, p.10) ressalta que o crescimento natural do comércio daquela região gerava um excedente, que será o estopim para a idealização de uma feira local, pois a de Soledade ficava a uma distância de quatro léguas (24 km), em um período que não existia transporte motorizado. Santos (2003, p. 3) denominam como idealizadores da feira José Batista Azevedo, Pedro Ferreira de Barros, Manoel Vital, Henrique Barros, José Felismino, Avelino José e João Cunha Moreno, que ao requererem junto ao coronel Claudino Alves da Nóbrega (então prefeito de Soledade) uma autorização para criação do espaço comercial, são atendidos, e então, a primeira feira ocorre no dia 4 de novembro de 1913 (é importante ressaltar que esta feira existe até hoje na cidade e que é sua referência comercial principal, e desde aquela época ela ocorre todas as terças feiras até os dias atuais).

Um evento peculiar são as circunstâncias que fizeram a cidade mudar seu nome de “Joazeiro” para o diminutivo “Juazeirinho”:

Nas divisões administrativas do Brasil, em 1936 e 1937, Joazeiro figurava como distrito de Soledade. Em 1938, pelo Decreto Lei Estadual nº 1.164 de 15 de janeiro, a sede do município de Soledade foi transferida para Joazeiro, assim permanecendo até 1943, quando o decreto estadual nº 520 de 31 de dezembro fez voltar a Soledade a sede municipal. O mesmo decreto muda o nome de Joazeiro para Juazeirinho. (SEBRAE, 1996, 11)

Tal experiência parece ter despertado, nas autoridades locais, o desejo pela autonomia política, muito embora Santos (2003), em seu cordel, ressalte que, da parte de Soledade, o pensamento não era o mesmo

Agora faltava pouco  
Para nossa emancipação  
Mas surgiu um fato novo  
Que nos colocou em difícil situação  
Uma rivalidade entre Juazeiro e Soledade  
Ou melhor, entre os homens de poder da região. (p.8)

Mas a emancipação política do município de Juazeirinho acabou por vir, sendo alcançada “através da Lei nº 1747, de 25 de julho de 1957, ocorrendo sua instalação oficial a 27 de outubro do mesmo ano” (SEBRAE, 1996, p. 11).

Após sua emancipação política cerca de 10 prefeitos<sup>9</sup> governaram em Juazeirinho, sendo que é notória na cidade hoje a rivalidade entre o PTB<sup>10</sup> (representado na imagem de Frederico Antônio Raulino de Oliveira) e o PRB<sup>11</sup> (representado na figura de Bevilacqua Matias Maracajá).

Segundo o site do IBJE, Juazeirinho tem uma população estimada em 17.737 (2014), com a perspectiva de 35,88 habitantes por km<sup>2</sup>. No que diz respeito à economia, Juazeirinho apresenta um quadro semelhante típico de uma cidade interiorana na Paraíba. A esse respeito comenta Pascoal (1996, p.9) que “as populações dos pequenos municípios nordestinos, particularmente dos paraibanos, sobrevivem, basicamente, da exploração de atividades do setor primário ou do poder público municipal”.

Após esse curto esboço informativo sobre a cidade em questão, agora vejamos, a seguir, como surgiu a rádio comunitária Juazeiro FM, tendo como fonte direta os depoimentos gravados das pessoas intimamente envolvidas no processo.

## **2.2 Da “voz de Juazeirinho” a “Juazeiro FM”**

Os dois indivíduos-personagens que nos ajudarão a constituir esta história são: Antonio Batista de Lima Neto (ou Toca, já que, segundo o mesmo, sente-se feliz ao ser chamado assim), 53 anos, natural de Juazeirinho e hoje sendo aposentado pelo estado, onde como Policial Militar aprendeu ofício da música, sendo maestro na mesma; e Manoel Vieira de Araújo (popularmente denominado como Zominho Vieira, na cidade), 57 anos, natural da cidade de Santo André (PB), porém residindo em Juazeirinho há mais de 40 anos, tendo trabalhado com a comunicação na cidade à vida toda (e ainda encontra-se em atividade atualmente). Ambos se admitem enquanto amigos desde a infância. A esse respeito comenta Toca:

Zominho, rapaz, é um autodidata, ele sempre gostou de comunicação e mesmo porque nós somos amigos de infância, nós nascemos numa casa vizinha, somos amigos de infância,

---

<sup>9</sup>Houve dois prefeitos nomeados para assumir Juazeirinho antes de sua emancipação, totalizando com isso 12 prefeitos. Foram eles Francisco Correia de Queiroz (1939 a 1944) e Joventino Batista de Azevedo (1957). Fonte: Mobra, 1985.

<sup>10</sup>Partido Trabalhista Brasileiro.

<sup>11</sup>Partido Republicano Brasileiro.

então desde a época de infância agente sonhava com isso, com comunicação (...) (TOCA, 2015)

Em meados dos anos 80 já era notório na cidade o trabalho de Zominho Vieira como locutor, e, numa parceria, já de outros trabalhos, com Mário Matias, eis que surge a ideia de montar uma difusora:

(...) foi em 1980, eu, juntamente com o nosso amigo Mario Matias ele me comunicou, diz Zominho, você vai ficar comigo, eu vou alugar o prédio de Dalva, que era a esposa de seu Ramino Nogueira, que é o prédio da esquina (...) ele alugou pra mim, e eu peguei e botei duas difusoras em cima e duas caixas de som grandes, ai a tendência fiz logo uma programação (...) ai eu botei na cabeça que eu vou botar uma rádio, botei uma tipo de rádio, ficou o nome Difusora, a voz de Juazeirinho. (ZOMINHO VIEIRA, 2015)

Segundo Zominho ele teria iniciado o funcionamento da difusora no dia 10 de março de 1982 e a repercussão da mesma teria sido imediata. Com o tempo indivíduos foram se agregando a difusora para apresentar algum programa na mesma (pois Zominho pensou uma programação para a difusora nos moldes de uma rádio), com isso (segundo os dois entrevistados) inaugurando uma escola, que originou os principais comunicadores da época, na cidade. Nesse meio tempo Toca, começa a acompanhar, por meio de jornais e da TV Senado, comentários sobre a legalização da radiodifusão comunitária e a se informar mais sobre o assunto, isso numa época em que Francisco Xavier (conhecido popularmente, até hoje, como Pitú) construiu um pequeno transmissor e iniciou as primeiras transmissões radiofônicas efetuadas dentro de Juazeirinho:

(...) em Juazeirinho tinha um rapaz que tinha uma rádio pirata, chamado Piata, do Francisco Xavier, nosso amigo Pitú, ele colocava essa rádio num transmissorzinho pequeno, agora escondido, dentro do mato, pra ninguém saber para a polícia não pegar, foi perseguido demais, muito, Pitú. Captava o sinal com um radiozinho né e eu ficava curioso vendo Pitu iniciando esse trabalho de rádio pirata aqui em Juazeirinho. (TOCA, 2015)



Em um dado momento Zominho passa a ter contato com Massilon Gonzaga<sup>12</sup>, que lhe deu acesso a um pedido de concessão para uma rádio comunitária em Juazeirinho:

Essa rádio Juazeiro (...) era pra mim, eu fiz as reuniões no Recife, era pra mim, quem me deu foi Massilon Gonzaga. Pois pronto Massilon Gonzaga foi quem me deu o acesso da rádio pra mim, pra Juazeiro. O que foi que aconteceu, aí eu não botei a rádio lá porque não tinha uma associação. Tinha que ter associação. (ZOMINHO VIEIRA, 2015)

Segundo Zominho, ele passou o acesso à concessão para Toca (devido ele haver montado uma associação). Certo dia Toca lhe faz uma proposta:

(...) Zominho você na sua difusorinha, eu com essa ideia da rádio, você sabe, e acontece o seguinte, essa difusora sua vai cair um pouco, vai cair um pouco, você vai gastar muito dinheiro aí, pagando o aluguel do prédio, eu quero que você ... Vamos botar a rádio mais eu! (ZOMINHO VIEIRA, 2015)

Zominho afirma que a causa da implantação da rádio comunitária em Juazeirinho, com Toca, foi o estopim para que ele fechasse a Difusora *A Voz de Juazeirinho*, em 1995. É importante ressaltar que tais participações de Zominho na ajuda da concessão não é mencionada por Toca, e que este último afirmou que (...) “A difusora ficou sem funcionar alguns anos antes do surgimento da rádio” (Toca), porém Toca também afirma que convidou Zominho a participar da rádio, e não nega que, quanto a sua participação “Zominho desde o primeiro momento, dessa caminhada nossa, foi peça fundamental para a fundação dessa emissora”. (Toca)

Toca funda, então, a *Associação Comunitária São José* e, em conjunto com os mesmos, Zominho e Pitú, começam a dar andamento aos tramites que lhe permitissem o acesso à concessão, ainda em 1997 (devido à lei 9.612 de legalização das rádios comunitárias só acontecer em 1998), Toca afirma que as instâncias maiores nem se deram ao trabalho de responder as suas solicitações. Segundo Toca, o receio de que a política municipal gerasse mais empecilhos, enquanto isso, no que diz respeito à concessão, o fez ter algumas ideias:

(...) fiz um abaixo assinado, que foi feito prevendo futuros percalços, fiz junto à comunidade de Juazeirinho. E mais ainda,

---

<sup>12</sup> Massilon Gonzaga nasceu na cidade de Pombal, no dia 11 de setembro de 1952. Esse aqui é o mesmo Massilon que inaugurou a quarta rádio comunitária da Paraíba: a Ariús FM. (destacado na p. 17-18 dessa pesquisa)

fiz outro abaixo assinado, solicitando declarações das grandes personalidades políticas, religiosas e social do município, entidades, conseguimos mais de 50 declarações (...) eles todos, depois de verem o abaixo assinado, não podiam deixar de dar essa declaração porque iriam de encontro ao povo. Porque já estavam amarrados com o povo aqui. Então eles, quando viram o abaixo assinado, ai todo mundo deu. Mais deu de bom coração. (TOCA, 2015)

Após a legalização das rádios comunitárias no país, o pedido da Associação Comunitária São José é aprovado pelo Senado, porém o Ministério das Comunicações ainda não havia liberado e, nisso, Toca afirma que começou a enviar ofícios a todas as instâncias possíveis, do Presidente da República<sup>13</sup> ao Ministério das Comunicações<sup>14</sup>, porém a sonhada concessão nunca vinha. Um dia, porém, a licença provisória<sup>15</sup> foi enviada pelo ministério. Segundo Toca e Zominho nessa hora várias campanhas foram efetuadas dentro da comunidade, que os ajudou a montar o primeiro estúdio da emissora. É dentro desse contexto que surge o nome da emissora:

(...) o nome da rádio seria rádio comunitária do amém, em função do grupo de jovens do amém, lá da associação, mas entrou Juazeiro porque seu João Vital, lendo o jornal dele (agente conversava muito e tinha certa amizade com João Vital), então ele deu a ideia de colocar o nome de Juazeiro, o sonho era voltar o nome de Juazeiro para a cidade, então aceitei a ideia de João vital. (TOCA, 2015)

Empolgados com a situação os envolvidos diretos com a rádio a deixaram no ar permanentemente e, após uns 40 dias, uma denúncia anônima atraiu agentes do ministério, que lacraram a entrada da emissora com fitas. Segundo Toca "(...) o povo começou a incentivar: Cadê a rádio, cadê a rádio! (...) convidei Pitú e violei, violei mesmo, os lacres, e coloquei a rádio no ar novamente, infringindo à lei (...)". E assim a rádio funcionou por dois meses, até que uma nova denúncia trouxe os mesmos agentes (porém agora acompanhados da Polícia Federal) que levam todo o aparato tecnológico e abriram o processo contra Toca. Sobre esse evento ele mesmo comenta

<sup>13</sup> Fernando Henrique Cardoso (o FHC) foi o primeiro Presidente reeleito no país. Tendo governado de 1995 a 2003.

<sup>14</sup> João Pimenta da Veiga Filho foi o ministro das Comunicações, entre os anos de 1999 a 2002.

<sup>15</sup> Segundo Toca esta licença consistia na liberação para poder colocar uma emissora comunitária no ar por apenas 15 dias, como teste, depois disso dever-se-ia retirar a rádio do ar.

A coisa mais bonita e triste que eu já vi na minha vida foi Pitu, eu, ele e minha esposa lá em cima, Pitu ajeitava com tanto carinho os equipamentos e botou dentro do carro da federal tudinho, aí a polícia federal saiu, levou tudo, depois saiu eu, Pitu e minha esposa, rindo para não chorar. (TOCA, 2015)

Então, após alguns dias chega uma intimação da justiça federal, para que Toca fosse ouvido em Campina Grande. Segundo o mesmo “(...) naquele momento precisávamos de um advogado, advogado naquela época, era a coisa mais difícil do mundo, e nós não tínhamos posses, como contratar um advogado (...)”. Ele recorre a Genival Matias<sup>16</sup>, porém ele não abraça a causa. Por fim Neto Rangel (amigo), mesmo no Estado do Espírito Santo, lhe promete um advogado. Porém o comparecimento de Toca é remarcado, pois o advogado não compareceu. Roberto Pascoal<sup>17</sup> manda chamar Toca e lhe promete um advogado, sobre isso comenta Toca: “(...) eu politicamente sempre fui ligado a Genival Matias né, e na época o Roberto, que era seu adversário, prontificou – se a fazer isso, sem nenhuma cobrança e até hoje nunca teve qualquer cobrança futura”. No dia dois advogados aparecem (o de Roberto e o de Rangel) e Toca escolhe o de Roberto (pois lhe era conhecido).

Segundo Toca a licença definitiva finalmente veio em “25 de setembro de 2001”, Toca descobre que toda a aparelhagem da rádio nunca saiu de Juazeirinho, estava na prefeitura (algo que ele não esperava, pois a federal foi quem apreendeu), e, sobre tal descoberta ele comenta:

(...) mandaram os equipamentos da rádio para a prefeitura. É um mistério, eu não entendo nada ainda, nunca assimilei, porque a justiça federal em vez de mandar, tinha endereço e mandar esse equipamento para a prefeitura. É muito estranho. (TOCA, 2015)

A partir daí a rádio Juazeiro FM passou a ir a o ar normalmente (no que diz respeito à legalidade perante o governo) até os dias atuais, agregando indivíduos da associação e os locutores da extinta difusora, A Voz de Juazeirinho<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> Advogado e notório personagem da política Juazeirinhense, tentou eleger-se cinco vezes contra o partido da situação, nunca obtendo êxito (meta alcançada depois pelo filho Bevilacqua Matias), suicidou-se na própria residência.

<sup>17</sup> Filho da então prefeita M<sup>a</sup>Elizabeth Crispim Pascoal, era o secretário de administração da prefeitura de então (segundo Toca).

<sup>18</sup> Até hoje (mais de 15 anos depois), na rádio comunitária Juazeiro FM Zominho Vieira e Paulo Figueiredo (figuras atuantes da difusora, na época) trabalham como locutores e apresentadores.

## CAPÍTULO III

### RÁDIOS, VALORES E POLÍTICA

Após acompanharmos a história da fundação da rádio comunitária de Juazeirinho a partir dos depoimentos realizados procuramos traçar alguns dos pontos de questionamento para este trabalho. Para isso vamos começar pelo perfil dos indivíduos que ocuparam cargos de direção na Juazeiro FM, ou seja, estamos falando do idealizador da rádio, Toca, e de um novo personagem, John Herbert Vieira Batista, 39 anos, natural da cidade de Juazeirinho, filho de Toca e atual sucessor do pai na direção da rádio.

Como já é possível observar no resumo da história da rádio a pouco mostrada, Toca demonstra certa visão negativa da política local, e isso evidencia-se em vários trechos da entrevista de Toca, concedida para este trabalho, vejamos alguns exemplos:

(...) tanta gente, tantos jovens revolucionários da época, perseguidos pelo sistema, muitos deles perseguidos e inclusive mortos, como mataram o nosso amigo Humberto Evaristo<sup>19</sup> de Juazeirinho porque não aceitava as determinações, não faria o que certas pessoas que viviam no comando desejavam para a nossa cidade. (TOCA, 2015)

Ou este: “(...) então essa perseguição a nosso trabalho faz tempo (...) nós somos vítimas do sistema porque, aquela história, nem quer você lá, nem cá (...)”; e ainda este “(...) o que nós passamos, as perseguições políticas que sofremos aqui, de querer tomar a rádio comunitária, para que pudessem vender a rádio comunitária (...)”.

Porém, quando ele faz a afirmativa que “eu politicamente sempre fui ligado a Genival Matias” também é observável que Toca é adepto a política partidária, e, para reforçar isso, peguemos um trecho da entrevista de John Herbert sobre sua relação com a política:

---

<sup>19</sup> Humberto Evaristo foi um importante personagem ligado ao desenvolvimento do esporte no município (e região) que teria sido assassinado ao voltar para casa (devido não aceitar ingerências políticas e proteger os jovens revolucionários da época), pelo soldado Barroso (segundo Toca). Postumamente uma rua de Juazeirinho recebeu o seu nome (como homenagem ao mesmo).

Na realidade é o seguinte, eu nunca gostei. A política agente existe todos os dias, você está conversando comigo, você está fazendo política, a questão da política partidária ai eu nunca gostei, eu nunca quis me inserir em cima disso, agora não é de agora, é desde antes, desde muito antes. O meu pai se envolveu com a política partidária, e é envolvido na política partidária até hoje certo (...) (JOHN HERBERT, 2015)

Segundo Jonh Herbert ele próprio esteve muito pouco envolvido com a luta, empreendida pelo pai, para conseguir uma concessão, pois segundo o mesmo:

Na época eu não estava aqui em Juazeirinho, eu trabalhava fora, trabalhava em Patos (...) eu quando eu vim pra cá de vez mesmo, como eu lembro, a coisa já estava até mais estabilizada já, porque ele já tinha passado a fase mais brava, em relação à legalização já havia acontecido. (JOHN HERBERT, 2015)

É perceptível que a maior diferença entre as duas gerações de administradores da rádio comunitária Juazeiro FM refletem o contexto histórico-social que os cercavam, já que temos um Toca que já vinha se envolvendo com empreendimentos na área da comunicação em Juazeirinho desde o período ditatorial<sup>20</sup>, o que explica sua visão pessimista e até rancorosa, sobre a política vigente, o desejo de mudança e também o pensamento de que é só a partir da política partidária que mudanças significativas poderão ocorrer, ou seja, é perceptível aqui um reflexo do renascimento dos valores marxistas (anos 1970/80) vigentes naquele período, numa perspectiva de luta de classes, imperando sobre Toca; enquanto temos um Jonh Herbert, que vinha (segundo ele mesmo) de um emprego advindo de uma empresa (CAGEPA<sup>21</sup>), ou seja, uma provável semente neoliberalista (pensamento surgido em meados de 1980 mais predominante principalmente na década de 1990) do valor ao empreendimento privado, servindo de fonte de referência mais direta para as suas ações.

Ambos os três entrevistados (estamos incluindo Zominho aqui) foram questionados sobre a diferença da administração da rádio nos seus primeiros anos e ela atualmente, vejamos as respostas, a começar por Toca:

---

<sup>20</sup> Antes do projeto da rádio Toca esteve envolvido na produção de um jornal impresso no município de Juazeirinho, o Gazeta do Cariri, idealizado por Leomarques.

<sup>21</sup> Companhia de água e esgotos da Paraíba.

Resumindo a minha administração foi uma bagunça organizada (...) por que eu envolvia tudo, me preocupava com tudo (...) hoje nós temos uma grande disciplina dentro da emissora onde todos com um objetivo comum só querem o melhor para Juazeirinho, para a comunidade. (TOCA, 2015)

Agora vejamos a de Jonh Herbert:

(...) a questão era que tava tudo muito solto, a coisa tava todo mundo fazendo, todo mundo fazendo (...), porque é comunitária pode ser de todo jeito, de toda forma, e o intuito maior na época foi esse de tirar essa coisa do pensamento, assim não porque é comunitária é bagunça, faz de todo jeito. Agente tinha pouca informação e foi mais no peito e na raça, vamos tentar assim, vamos tentar ao menos dar uma disciplina aqui. (JOHN HERBERT, 2015)

E agora Zominho Vieira:

Toca dava oportunidade a todo mundo (...) mas Toca deixava a rádio, dizendo na língua portuguesa bem fácil, correr frouxa (...) ele entregou a Jonh, já é diferente, Jonh tem o horário determinado (...) é tudo diferente, bonito, organizado, o primeiro a chegar na rádio sou eu, o segundo é ele. (ZOMINHO VIEIRA, 2015)

Quando se foi referido à administração de Toca termos como “solto”, “bagunça organizada”, “frouxa” dada pelos entrevistados em contraposição aos termos “disciplina”, dada a de Jonh Herbert, que se repetiram nos discursos de ambos (Zominho não usa o termo mais, se for observado, o descreve com uma exemplificação) denota outro contraste entre as duas fases administrativas da rádio: uma primeira mais ligada às perspectivas das rádios livres (das décadas de 1970/80), com pouca preocupação com a rigidez, delimitações, posicionamentos pessoais ou o profissionalismo e pensada mais no prazer de se praticar uma radiofonia mais solta e que dialoga, pacificamente, com o amadorismo; enquanto temos uma segunda administração preocupada em buscar um prestígio (gerado pelo respeito) a partir de uma organização próxima aos moldes de uma rádio empresarial, que tem como uma de suas metas centrais manter-se de forma autônoma.

É interessante também ressaltar que quando questionados sobre as problemáticas de se administrar uma rádio comunitária Toca deu ênfase ao diálogo conflituoso da rádio com as instancias políticas locais (comentando sobre as dificuldades de se manter financeiramente apenas quando perguntas sobre essa

questão o acionava para tal), enquanto que Jonh Herbert era o oposto: os problemas principais giravam em torno de como a rádio buscar formas de construir recursos (de caráter financeiro) próprios (só comentava sobre política quando acionado por perguntas nesse sentido).

Quando questionados sobre se a rádio já teve ou tem algum tipo de vinculação política todos afirmam que não, porém observemos alguns trechos referenciados por eles sobre isso:

(...) tentou-se (...) uma ingerência política dentro da rádio (...) até mesmo na época passei para o meu pai que se vier alguma ingerência dessa forma eu prefiro pegar o boné e sair. Porque aí você perde toda a credibilidade com a população, com o seu ouvinte, em uma cidade de 17 mil pessoas. (JONH HERBERT, 2015)

Outro trecho importante para essa questão é essa afirmativa de Zominho Vieira:

Acontece que em cidade pequena tem essas marmotas, se eu dizer que não tem política, enfim, no meio, eu estou mentindo, mas de ter tem. Mas agora eu tô sentindo um pouco, através de John, que tá mais afastado, que John disse agora quem toma conta aqui sou eu, e aqui sou eu, eu, e mais ninguém tirando meus locutores, porque o seguinte, aqui políticos pra falar, só se for para se defender, se um caba meter a macaca nele e se defender, mais para dizer [um político] essa rádio de Juazeirinho eu faço parte, se eu quiser fechar eu fecho, porque eu sou Corinthians, e essa maneira, já teve isso, mas agora, não teve mais não, agora o negócio tá totalmente diferente. (ZOMINHO VIEIRA, 2015)

Na entrevista com Toca é evidente seu desanimo em relação às forças políticas locais, porém o fato dele ser adepto a política partidária e os trechos acima nos permite pensar que, ouve, mesmo que indiretamente, alguma interferência política (não no processo para conseguir a concessão, mais nos primeiros anos, enquanto legalizada, da rádio comunitária); mais também que no decorrer do tempo a organização empresarial dada por Jonh Herbert à rádio afastou tais influencias ou por completo ou quase isso, pois como afirma Jonh Herbert: “(...) graças a deus (...) hoje em dia, mesmo com dificuldades financeiras, agente mantêm 90% da rádio (...)”.

Muito bem, foi observada uma rádio que tinha que manter algum diálogo com a política, nos seus primeiros anos, e uma rádio mais independente de tais influências graças ao caráter empresarial adquirido ao longo do seu tempo, mas e a questão do comunitário, que é o que, em tese, deve vir em primeiro plano (pois está estampada em seu nome: rádio comunitária)? É possível a comunidade assumir o protagonismo em uma rádio organizada nos moldes de uma empresa?

A resposta para essa questão só pode ser encontrada nas falas dos entrevistados aqui em realce, e um primeiro ponto que pode nos ajudar em relação a essa problemática é em como são medidas a audiência da rádio, já que a resposta foi quase unânime entre os entrevistados: um revezamento dos componentes da rádio por um determinado setor da cidade, para escutar a programação da rádio na localidade escolhida para aquele dia (Toca ainda acrescenta um balanço do número de telefonemas e do acesso no Facebook).

Agora vejamos algumas considerações acerca do que é comunicação/rádio comunitária, empreendidas pelos entrevistados dessa pesquisa:

(...) um veículo de comunicação onde o povo pudesse falar das suas dificuldades, das suas vitórias, das suas glórias (...) hoje eu me sinto muito feliz em ver. Um grande exemplo é o jornalismo da rádio, onde a gente tá vendo e ouvindo todas as tendências, políticas, sociais e religiosas do município se expressar de uma maneira bem clara para a comunidade (...) as reivindicações que o povo faz e as demandas que acontecem e muitas vezes, a maioria das vezes, está sendo resolvida, junto a poder público. É através da opinião do povo na rádio, então a rádio é uma fonte de comunicação, é um elo de ligação da comunidade com o poder público. (TOCA, 2015)

Vejamos também este trecho, pertencente à Zominho Vieira:

Primeiro ajudar a todos, não ter distinção de cores, nem qualidade (...) qualquer pessoa que precisar da rádio, uma informação, um documento perdido, anunciar um enterro, anunciar uma missa, isso ai ele não cobra nada (...) uns apoio, é porque precisa, você sabe que nós precisa de pelo menos um dinheirinho para pagar isso ai. (ZOMINHO VIEIRA, 2015)

E para fechar trazemos a contribuição de Jonh sobre essa questão:

(...) o intuito, a rádio comunitária, por lei, ela deve trabalhar em cima de que, da prestação de serviço, em cima de abrir espaço para você que é, que é do segmento de jornalismo, da comunicação social, pra sempre abrir espaço para todos os



segmentos religiosos, segmentos políticos, a rádio comunitária está aí para engrandecer, para desenvolver, socialmente, politicamente e economicamente a cidade onde ela está instalada, é esse o papel da rádio comunitária. (JOHN HERBERT, 2015)

A forma como é avaliada a audiência e as afirmativas acima, mostra, primeiramente, que a concepção de comunidade para os entrevistados é a própria cidade como um todo, porém o que chama mais a atenção são as peculiaridades de cada afirmativa. Toca demonstra satisfação pelo caráter democrático que a rádio assumiu hoje (como se antes ela não tivesse, pelo menos, no grau que ela ocupa hoje, ou no nível que ele sonhava). Já no trecho de Zominho Vieira, o destaque vai para a questão da cooperação, que deve existir tanto da rádio para a comunidade como da comunidade para com a rádio. Na afirmativa de John Herbert vemos novamente a utilidade da rádio comunitária sendo realçada enquanto empresa, porém com uma forte abertura para a democracia, contudo deixando claro que este “padrão empresarial” está dentro do que delimita as leis sobre a radiodifusão comunitária.

Tais afirmativas demonstram que a perspectiva empresarial, adotada pela Juazeiro FM não a fez perder de vista a comunidade que a cerca, na medida em que os seus trabalhos são voltados diretamente para essa comunidade chamada Juazeirinho e que, talvez, seja essa mesma perspectiva empresarial que esteja a dar a Juazeiro FM a autonomia crescente de voltar seus trabalhos mais para a comunidade, em detrimento do favor a política local, aumentando, com isso, as perspectivas de democracia esperadas pela população que se beneficia com a abertura hoje dada pela rádio Juazeiro FM (especialmente na sua programação jornalística semanal, denominada Rádio Notícia). Essa postura da Juazeiro FM pode até ser uma saída de ação para as tantas rádios comunitárias, dependentes das instâncias políticas existentes Brasil afora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todas as informações, colocações e interpretações efetuadas neste trabalho algumas conclusões foram tiradas a partir de então. A primeira delas é que hoje parece não haver nenhuma influência ou vinculação política partidária oficial na rádio e que a tendência é que aberturas para tais relacionamentos se tornem cada vez mais estreitas, devido à organização, nos moldes empresariais, adotados pela Juazeiro FM (e já tão discutidas no decorrer desse artigo). E a postura do ex-presidente da Associação Comunitária São José, o Antonio Batista de Lima Neto (Toca) de trazer um partido diferente dos que, tradicionalmente, já fizeram história na cidade (PROS<sup>22</sup>) se mostra enquanto uma consequência do desdém do mesmo pelas políticas solidificadas na cidade (se o PROS terá algum poder de influência sobre a rádio um tempo maior seria necessário para tal análise, já que faz pouco tempo que o partido está no município).

Esse parâmetro empresarial é um fruto da democracia/capitalista na qual a rádio comunitária está inserida e, nesse sentido, o papel comunicacional desenvolvido pela rádio é o de buscar suprir para a população de Juazeirinho a demanda de um serviço que consiste em discutir os assuntos pertinentes de “Juazeirinho para Juazeirinho”, tornando a cidade digna de ser notícia para a sua própria população (algo impensável, se depender das empresas em nível estadual de comunicação) e, ao mesmo tempo tirar, desse serviço prestado, a fonte de sustentabilidade necessária para que sua independência esteja assegurada.

Tal perspectiva de ação poderia a uma primeira vista colocar em questionamento o caráter de comunitária da Juazeiro FM, se não fosse pelo fato de nunca se ter visto exemplificações, de caráter prática das virtudes comunitárias propostas pela rádio, como se pode ver hoje: um noticiário (rádio notícia) semanal promovido pela própria equipe da rádio (algo até então inédito, pois os jornais originados anteriormente eram de indivíduos que compravam horários na rádio podendo, com isso, nortear suas pautas em prol de interesses particulares sem um policiamento da parte da direção da rádio); a interrupção da pauta diária de notícias e entrevistas para a requisição de ajuda a qualquer membro da comunidade que

---

<sup>22</sup> Partido Republicano da Ordem Social.

chegue a emissora pedindo tal serviço; promoção de campanhas para arrecadar fundos que ajudem indivíduos da comunidade adquirir a casa própria; espaço de abertura relativamente semelhante para ambos os lados políticos poderem expressar-se democraticamente para a população, entre outras ações.

Promovendo este estudo sobre a Juazeiro FM também me fez perceber o quanto pode ser complexo a visão das coisas a partir de uma rádio comunitária (de um modo geral), pois suas atitudes (independente de ser uma atitude considerada comunitária ou não) tem que dialogar em um contexto no qual sua prática efetiva própria tem que coabitar pacificamente com o julgamento de um conjunto de modelos idealizados (do que é uma rádio comunitária) advindos de fora do contexto da comunidade da qual ela faz parte.

Nesse sentido as interpretações mais vigentes efetuadas sobre a radiodifusão comunitária, a exemplo da que é definida pelo Ministério das Comunicações (que deixa a rádio comunitária numa situação desagradável de uma “empresa que não pode ter todos os direitos típicos, de uma empresa”) ou mesmo das definições desenvolvidas por alguns pesquisadores do assunto (a exemplo da conhecida Cicilia M. Krohling Peruzzo, que embora seja inegável as contribuições positivas de seus estudos sobre o fenômeno das rádios comunitárias, a define em seus trabalhos de uma forma um tanto romanceada, utópica, dentro do contexto capitalista na qual as rádios comunitárias americanas estão inseridas e no qual é impossível pensar em qualquer conjunto organizacional que possa abdicar de todos os caracteres de uma empresa).

Outra conclusão possível é que uma definição geral que abarque a todas as peculiaridades existentes nas inúmeras emissoras que ocupam o patamar de comunitárias espalhadas pelo país ainda deve estar longe de acontecer e a de se questionar também se realmente a uma necessidade de tal definição; talvez, e só talvez, as próprias comunidades possam realmente definir sua rádio comunitária, assim como só quem vive em uma comunidade específica poderá descrever a mesma a fundo, com sentimentos e detalhes. Afinal (só como critério de exemplificação) não adianta uma rádio comunitária insistir em tocar música clássica em meio a uma comunidade na qual o que culturalmente se curte é forró (mas isso já dá outra discussão que não diz mais respeito as metas propostas por este trabalho).

## REFERÊNCIAS

### 1. Livros

BORDENAVE, Juan Diaz. **Além dos meios e mensagens**: introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1986.

FREITAS, Viviane Belizário de. **O papel social do jornalismo comunitário**: um estudo do jornal Cantareira. 2006. 53 f. Monografia (Bacharel no Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo). – Centro Universitário Nove de Julho (UNINOVE). São Paulo, 2006.

HALBWACHS, Maurice, 1877-1945. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003. 224p.

MATOS, Teresa Cristina Furtado. **Rádios comunitárias**: sintonia dissonante e autoimagem. – Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2011. (Coleção Textos Nômades n° 5) 252p.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom, Fabíola Holanda. **História oral**: como fazer, como pensar. – 2. Ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2011.

MOBRAL/PREFEITURA. **Livro do município**: Juazeirinho. 1985. João Pessoa.

PRODER – **Programa de emprego e renda**: JUAZEIRINHO. João Pessoa, SEBRAE/PB. 1996.

RIETVELD, Padre João Jorge. **O verde do juazeiro**: história da paróquia de São José de Juazeirinho. – João Pessoa: ImprellGráfia e Editora, 2009. 362p.

SANTOS, José Manoel dos. **Nova história de Juazeirinho – PB**: Recontada em cordel: Seus principais fatos e acontecimentos, seu folclore, seus costumes e sua gente... Juazeirinho – Paraíba. Novembro de 2003. – 1ª Edição.

SOUTO MAIOR, Gilson. **Rádio**: história e jornalismo. – João Pessoa: AUnião, 2015. 244p. :il.

### 2. Endereços Eletrônicos

COSTA, Mauro Sá Rego. **Rádios livres e rádios comunitárias no Brasil**. Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CB0QFjAAahUKEwjL58PA94TGAhUJmoAKHR>>

DhAGU&url=http%3A%2F%2Fwww.epublicacoes.uerj.br%2Findex.php%2Fperiferia%2Farticle%2Fdownload%2F3444%2F2364&ei=iBN4VcuDLIm0ggSQwoOoBg&usg=AFQjCNFRW35SmC0RyFh5YUgp5DyfMBF8JA&sig2=mndCsT90vNAhec8RSGDZlg&bvm=bv.95039771,d.cWc.> Acesso em: 15 abr. 2015.

PERUZZO, Cílicia Maria Krohling. **Participação nas rádios comunitárias no Brasil.** Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/peruzzo-cicilia-radio-comunitaria-br.pdf>> Acesso em 15 abr. 2015.

\_\_\_\_\_, Cílicia Maria Krohling. **Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária.** Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/99061099541813324499037281994858501101.pdf>> Acesso em 15 abr. 2015.

\_\_\_\_\_, Cílicia Maria Krohling. **Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária.** Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/116338396152295824641433175392174965949.pdf>> Acesso em 15 abr. 2015.

SANTOS, Rodolpho Raphael de Oliveira. **Rádios comunitárias do surgimento aos dias atuais: Uma nova realidade.** Disponível em: <http://www.unigran.br/mercado/paginas/arquivos/edicoes/3/11.pdf> Acesso em 15 abr. 2015.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. **Halbwachs: memória coletiva e experiência.** Disponível em: <[SOUSA, Moacir Barbosa de. \*\*As primeiras transmissões de rádio na Paraíba.\*\* Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/1o-encontro-2003%201/as%20primeiras%20transmissoes%20de%20radio%20na%20paraiba.doc>> Acesso em 15 abr. 2015.](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&sqi=2&ved=0CB0QFjAAahUKEwjPxt609oTGAhUFoIAKHwK2AOk&url=http%3A%2F%2Fwww.revistas.usp.br%2Fpsicosp%2Farticle%2Fdownload%2F34481%2F37219&ei=YxJ4VY-JloXAggTp7IDIDg&usg=AFQjCNGZqri6DsA0ZJeMVI1sjMJ8yjOW0g&sig2=9L6EW74SPGK0JpG5zfFUrg&bvm=bv.95039771,d.cWc.> Acesso em 15 abr. 2015.</p>
</div>
<div data-bbox=)

### 3. Outros sites consultados

<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=250770&search=paraiba%7Cjuazeirinho%7Cinfograficos:-dados-gerais-do-municipio&lang=> Acesso em 15 de abr 2015.

<http://www.quadropolitico.com.br/DadosCandidato/45074/Frederico-Antonio-Raulino-De-Oliveira> Acesso em 15 abr. 2015.

<http://www.imparcialpb.com/2015/06/presidente-do-pros-divulga-nota-confira.html>  
Acesso em 15 abr. 2015.

## FONTES

### Lista de entrevistados:

1. Antonio Batista de Lima Neto. Locutor, apresentador e idealizador da rádio comunitária Juazeiro FM. Data da entrevista: 02/06/2015.
2. John Herbert Vieira Batista. Presidente da Associação Comunitária São José, diretor geral, locutor e apresentador. Data da entrevista: 02/06/2015.
3. Manoel Vieira de Araújo. Locutor e apresentador. Data da entrevista: 03/06/2015.